Brazilian Journal of Animal and Environmental Research

O conceito de paisagem e a identidade cultural: reflexões a partir do Bioma Pampa, RS, Brasil

The concept of landscape and cultural identity: reflections from the Pampa Biome, RS, Brazil

Recebimento dos originais: 15/03/2019
Aceitação para publicação: 30/04/2019

Diana Milena Reina Ávila
Mestranda em Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES)
Instituição: Universidade do Vale do Taquari - Univates
Endereço: Rua Avelino Talini, 171 - Bairro Universitário, Lajeado/RS – Brasil, CEP 95914-014
diana.avila@universo.univates.br

Margarita Rosa Gaviria Mejía
Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Instituição: Universidade do Vale do Taquari - Univates
Endereço: Rua Avelino Talini, 171 - Bairro Universitário, Lajeado/RS – Brasil, CEP 95914-014
margaritarosa@univates.br

Eduardo Périco
Doutor em Ecologia pela Universidade de São Paulo (USP)
Instituição: Universidade do Vale do Taquari - Univates
Endereço: Rua Avelino Talini, 171 - Bairro Universitário, Lajeado/RS – Brasil, CEP 95914-014
perico@univates.br

RESUMO

Os processos de ocupação humana e não humana tem sido estabelecidos em espaços onde os recursos que a paisagem proporciona, satisfazendo suas necessidades biológicas e culturais. No processo de interação continua entre homem e paisagem se construí um elo sentimental com a terra, outorgando-lhe um sentido patrimonial. As marcas do tempo, impressas na paisagem, revelam uma construção histórica de arte, lembrança e ciclos de identidades vivenciados por aqueles que ali habitam. Neste sentido, a paisagem pode ser um referente de identidade, assim como uma composição cultural simbólica, dinâmica e transitória. Este trabalho, apresenta uma revisão teórica da evolução do conceito de paisagem e seu significado na contemporaneidade como um elemento chave na compreensão da identidade cultural, a qual se constrói com base nos elementos das paisagens. Cientes da multiplicidade de tipos de paisagens, nossa proposta é refletir sobre o assunto tomando como eixo o bioma Pampa e os elementos simbólicos da cultura gaúcha construída nesse contexto. Esta análise é inspirada em reflexões elaboradas como parte da fundamentação teórica do projeto de dissertação de mestrado. O conceito de paisagem como iremos apresenta-lo, vem sendo construído desde o século XV, principalmente por autores do pensamento ocidental. No entanto, temos consciência que a noção de paisagem esteve sempre presente na memória do ser humano, pois a essência do homem como um animal territorial deriva do seu relacionamento com o meio. A categoria de paisagem, como conceito, vem sendo até hoje motivo de debate e discussões, tanto por

Brazilian Journal of Animal and Environmental Research

diversos acadêmicos, quanto por pessoas do senso comum. As reflexões contemporâneas nos permitem entender a paisagem como um elemento de identidade cultural.

Palavras-chave: Território. Lugar. Percepção.

ABSTRACT

The human and nonhuman occupations have always been established in space from the resources that the landscape provides to them, satisfying the biological and cultural needs. In the process of continuous interaction between man and landscape, awakening a patrimonial sense with the land. The time marks imprinted on the landscape, reveal a historical construction full of art, remembrance and cycles of identities, easily identified by those who live there. In this sense, the landscape can be a reference of cultural identity, as well as a symbolic, dynamic and transitory cultural composition. This work presents a theoretical review of the evolution of the landscape concept and its meaning in contemporary times as a key element in the understanding of cultural identity, built on the elements of the landscape. We recognized the existence of multiplicity landscape types. Our proposal is to reflect about the Pampa biome and the symbolic elements of the gaucho culture in this context. This analysis is inspired by reflections, elaborated as part of the theoretical foundation of the dissertation project. The concept of landscape as we will introduce it has been built since the XV century, mainly by western thought authors. However, we are aware that the notion of landscape has always been present in the memory of the human being, since the essence of man as a territorial animal derives from his relationship with the environment. The landscape category as a concept, has until now been subject of debate and discussions, by academics and common-sense people. Contemporary reflections allow us to understand the landscape as an element of cultural identity.

Keywords: Territory. Place. Perception.

1 INTRODUÇÃO

Embora sejam diversas as áreas de conhecimento voltadas ao estudo dos atributos e história das paisagens, entre elas a história, a antropologia, a sociologia, a arqueologia, entre outras, consideramos que a geografia e a ecologia são as ciências que melhor podem nos aproximar ao entendimento do conceito de paisagem. A primeira, é considerada a ciência que estuda os fenômenos sociais e da natureza organizados espacialmente, desta forma a geografia pode se ocupar do estudo da paisagem, pois a paisagem é uma categoria espacial, que pode ser mensurada, quantificada e qualificada. Vale a pena salientar, que a paisagem não é o espaço onde os fenômenos e processos são colocados, ela é parte do espaço, é dizer uma estrutura morfológica que constitui um parâmetro ou medida multidimensional de análise espacial (CABRAL, 2007). A segunda, tem uma linha especifica para estudo das paisagens (a ecologia de paisagem), uma área de estudo recente, que mede a dinâmica dos ecossistemas a nível espacial e temporário com um enfoque amplo. Como ferramenta metodológica, a ecologia de paisagem integra conhecimentos biológicos da ecologia, integrando o componente humano e conceitos das ciências sociais. É reconhecida por permitir o reconhecimento dos serviços ambientais das paisagens, assim como a gestão e

planificação do uso do território (NAVEH, LIEBERMAN, 2013; FARINA, 2011; BASTIAN, 2001; FORMAN, GODRON, 1986; NAVEH, 1982).

Quando pensamos a construção histórica da categoria de paisagem nos encontramos com que ela difere no mundo oriental e no mundo ocidental, diferenças expressadas no desenvolvimento humano e sua relação com o entorno (MAXIMILIANO, 2004). No oriente, o cosmocentrismo descrevia a natureza como um sistema cósmico complexo do qual o humano fazia parte. Se atribuía um espírito à natureza e aos seus elementos, as figuras mitológicas e as criaturas divinas eram associadas especialmente aos animais, situação na qual se apoia grande parte dos pensamentos da filosofia oriental (MAXIMILIANO, 2004). Este fenômeno se observa nas representações artísticas da paisagem que apontam para a contemplação dos bosques e suas espécies, a fertilidade do solo e a importância dos ciclos naturais.

Outra representação da paisagem no âmbito das cidades era expressada na forma de jardins. O paisagista Wang Wei, descreveu o jardim como um universo em miniatura que mantem elementos chaves como os montes e a água (MAXIMILIANO, 2004). A traves das representações da paisagem os orientais se conectam com a natureza, sentindo paz e conforto espiritual. Em contraposição na antiga perspectiva eurocêntrica o ambiente fora do controle humano não era valorizado ou era pouco entendido.

Para analisar a organização do tempo e do espaço da perspectiva estética, as diferenças foram manifestadas mais claramente a partir das observações de pintores, artistas e poetas (MAXIMILIANO, 2004). Tuan (2011) por exemplo traz uma comparação de pinturas de paisagens chinesa e europeia, enquanto na pintura chinesa os elementos da paisagem não aparecem organizados por um eixo central e o tempo histórico está ausente, no século XV, o desenvolvimento da arte da paisagem europeia, se espelha num crescimento voltado diretamente encontra da ausência do tempo, fazendo com surja a perspectiva central e o tempo histórico como parte do espaço (TUAN, 2011).

Este autor, também relata que as origens das categorias tempo e lugar no mundo ocidental provêm principalmente dos povos hebreus e gregos. Para os hebreus o fato de construir o espaço podia ser uma ideia escandalosa, pois significava alterar o espaço construído por Deus. Os vínculos com o lugar não eram bem vistos, o próprio Jesus rejeitou a ideia de adorar os templos dizendo que não existem lugares sagrados. O desapego dos hebreus pelos lugares, obedece também a sua condição de nômades e caminhantes. No entanto os romanos, começaram a catalogar este desapego como algo irrespeitável, julgando aos cristãos de violentos e subversivos. Em compartida a Igreja

Brazilian Journal of Animal and Environmental Research

católica-cristã passa a atribuir mais significado ao lugar e desta maneira os hebreus podem ser "um povo mais solene" (TUAN, 2011).

Respeito aos gregos, eles visualizavam o mundo como essencialmente espacial. Foram eles que forneceram a estrutura básica do modelo popular do universo (TUAN, 2011). De acordo com Menezes (2012), inspirado em Foucault (2008), na mitologia grega há em geral uma ênfase no contexto de governar, os deuses são entidades fundadoras e territoriais, que fornecem ferramentas aos homens, mas que possuem sua localidade, seu templo, seu lugar privilegiado afastado do tangível. É provável que esta visão cosmológica privilegiasse o desenvolvimento da arte para a proeminência de componentes antropomórficos nas esculturas, construções arquitetônicas e pinturas, enquanto os jardins, hortas, pomares, áreas com fins medicinais, meditação ou lazer eram frequentemente destituídos (MAXIMILIANO, 2004).

No período medieval, o modelo do universo era uma síntese dos pensamentos grego e hebreu, resultando em uma composição espacial bem definida. Nele o espaço terrestre possuía um eixo vertical organizado, basicamente, pelos pontos cardeais (as igrejas e a posição do padre, por exemplo, eram sempre orientadas para o leste como símbolo da ressurreição de Cristo). Na linguagem teológica, se concebia esse eixo vertical como Céu, Terra e Inferno. Consequentemente, o tempo do modelo podia ser entendido como eterno ou como cíclico (TUAN, 2011). Na Idade Média surge o primeiro termo para nomear a paisagem, a palavra alemã *landschaft*, utilizada para designar uma região de dimensões médias, em cujo território desenvolviam-se pequenas unidades de ocupação humana. Já no renascimento, se introduziu a palavra francesa *paysage* com um sentido próximo do original *landschaft*, considerando os arredores em uma conotação espacial delimitada (MAXIMILIANO,2004).

Na segunda parte do século XVI, o termo *paysage* foi associado à estética e o espaço alcançou uma categoria pictórica, passando a ser o objetivo principal dos artistas, os quais se interessaram por entender a perspectiva e as leis da natureza para expressar em suas criações uma conexão entre os elementos do mundo (VITTE, 2007). Assim o desenvolvimento inicial da paisagem era relacionado ao paisagismo e à arte dos jardins, no entanto sua função estético-descritiva foi condicionada pelo aumento e rapidez da circulação de pessoas, a instituição de colônias, a imprensa, a fotografia, entre outros. Fatores que criaram novas conotações da palavra e influenciaram na variação do significado em diversos países europeus (MACIEL, LIMA, 2011; MAXIMILIANO,2004)

No século XVIII, o modelo medieval é substituído por uma visão do mundo moderno. De acordo com Tuan (2011), a possível causa do colapso do modelo anterior foi o surgimento da

ciência. As teorias de reconhecidos científicos, como Newton ou Darwin, apontavam para uma concepção de movimento linear. Desta ótica, o tempo no mundo moderno não é mais concebido como cíclico, pelo contrário, o tempo moderno é linear e histórico. Enquanto ao espaço e ao lugar, o homem moderno é essencialmente livre de vínculos, para ele a mobilidade geográfica pode significar o progresso social e econômico (TUAN, 2011).

A partir do século XVIII, as reflexões de Goethe, Humboldt, Ritter e Richthofen tiveram um papel importante na orientação da geografia alemã, com base nesses teóricos, a paisagem ganhou uma abordagem científica sistematizada e passou a ser compreendida como a manifestação de interações entre os elementos que a compõem, sejam naturais ou humanos (VITTE, 2007). Entre estes autores, o trabalho de Humboldt sobressai por ter uma visão naturalista diferenciada da época. Em seus trabalhos estudou as modificações da paisagem, fundamentando em elementos da vegetação e sua fisionomia, ele compreendeu que o aspecto geral da paisagem mudava em função de fatores como o clima, a natureza do solo, a diversidade de espécies e a cobertura vegetal (MAXIMILIANO, 2004). Para Humboldt, neste complexo de interações o homem atuava como um mero coadjuvante em meio de uma natureza imponente. Com estas informações podemos inferir que a paisagem para Humboldt não era concebida como estática, pelo contrário, ao incluir todos estes elementos, era uma concepção pioneira de paisagem dinâmica, modificada no tempo.

No século XIX, Ratzel influenciou o pensamento da escola alemã no entendimento das paisagens, incluindo ideias sobre as relações causais existentes na natureza (MAXIMIANO, 2004). O *landschaft*, transformou-se em um conceito geográfico, derivando-se em paisagem natural *naturlandschaft* e paisagem cultural *kulturlandschaft,*com os pensamentos de Ratzel ampliou-se para o *landschaftskunde* uma ciência das paisagens, que ante uma ótica territorial, evidencia a expressão das estruturas da natureza organizadas por leis cientificamente observáveis (MACIEL, LIMA, 2011; MAXIMIANO, 2004).

Ratzel foi considerado vanguardista em incluir o homem nos estudos geográficos, fundador da antropogeografia, para ele a geografia é o método que permite estudar a influência que as condições naturais exercem sobre o homem (LEONÍDIO,2009). Em paralelo Dokoutchaev, na Rússia, definiu o Complexo Natural Territorial (CNT), como uma forma de identificar as estruturas da natureza. A partir destas abordagens, surgiram variações do conceito de paisagem na Alemanha e nos países do Leste Europeu (MAXIMIANO, 2004).

Sincronicamente, na França o termo paisagem foi parcialmente substituído pelos vocábulos “região” e “gêneros de vida”, o primeiro empregado para identificar conjuntos físicos, estruturais, climáticos ou domínios caracterizados pela vegetação; o segundo em alusão ao acervo de técnicas,

Brazilian Journal of Animal and Environmental Research

hábitos, usos e costumes que lhe permitiram ao homem usar os recursos disponíveis (MACIEL, LIMA, 2011; MAXIMILIANO, 2004). Para Cabral (2007) mesmo que a paisagem sempre estive associada a uma categoria visual, em alguns contextos históricos, o conceito de paisagem foi relegado a uma posição secundaria, suplantado pela ênfase em categorias como espaço, região, território ou lugar. Diante o caráter político destes termos, La Blache foi um autor que privilegiou o uso da categoria de paisagem, para ele a composição de elementos naturais e dos originados por atividades humanas só podiam ser reunidos nesta categoria. Para o autor, o homem conseguiria sobreviver e evoluir, não determinado pelo meio, mas pelo domínio e transformação da natureza (MAXIMILIANO, 2004).

Esta concepção das escolas francesa e alemã de Geografia teve influência nas teorias dos geógrafos brasileiros que, a partir do século XIX, começam a definir o conceito de paisagem como resultado das relações históricas do Velho e Novo Mundo, tendo como precedente particularidades históricas, culturais e cosmovisionárias (MAXIMILIANO, 2004). Na virada do século XX, um dos autores mais reconhecidos por sua contribuição nos estudos sobre as paisagens naturais no Brasil é o Ab'Saber, este autor contribuiu de maneira relevante na biologia, arqueologia, ecologia, geologia e geografia brasileira, ao promover uma renovação metodológica e instrumental nas pesquisas geomorfológicas desenvolvidas no território nacional (VITTE,2007).

> Recuperando o conceito de fisiologia da paisagem, Ab'Saber compreendeu a paisagem como sendo o resultado de uma relação entre os processos passados e os atuais. Assim, os processos passados foram os responsáveis pela compartimentação regional da superfície, enquanto que os processos atuais respondem pela dinâmica atual das paisagens (VITTE, 2007 p.75).

Com base na estruturação do conceito de paisagem elaborada por teóricos europeus, no início do século XX, na Alemanha, Schlüter propôs que a descrição fisionômica da paisagem se compõe tanto de elementos da natureza quanto da cultura, sendo um conjunto de variáveis abstratas deduzidas da realidade da paisagem e da ação humana (MACIEL, LIMA, 2011; SCHIER, 2003). Já em 1938, o Congresso da União Geográfica Internacional (UGI), em Amsterdã, considera que nesse momento existia uma amplia gama de concepções sobre a paisagem, isto dificultava a aplicação do conceito à prática e seu uso com uma finalidade concreta. Fato que estimulou a elaboração de uma definição clara da paisagem, com o objetivo de resolver o conflito entre abordagens objetivas e subjetivas (MAXIMILIANO,2004).

Neste mesmo período, Carl Troll, trabalhava a visão naturalista de Humboldt em ligação com as teorias de ecologia humana, o que resultou no surgimento da ecologia da paisagem, ramo da

Brazilian Journal of Animal and Environmental Research

ecologia que surge com a expectativa de associar a perspectiva horizontal geográfica com a perspectiva vertical ecológica (MAXIMIANO, 2004). Para Troll, a paisagem pode ser entendida como a heterogeneidade do espaço onde o homem habita, esta interpretação foi respaldada por Schmithüsen em 1942, quando definiu as unidades da paisagem pelo conjunto dos seus processos ecológicos (SCHIER, 2003).

Nos anos 40 do século XX, a escola Anglo-americana ganha força fundamentada na abordagem histórico-cultural de Carl Sauer. Sauer foi um dos primeiros geógrafos estadunidenses a tratar a geografia de maneira integrada, valorizando por igual fatores naturais e sociais (MACIEL, LIMA, 2011; MAXIMILIANO,2004). Uma das contribuições mais importantes de Sauer foi na descrição de paisagem cultural e consequentemente da geografia cultural. Para este autor, o homem deve ser considerado um agente geomorfológico capaz de alterar as condições da superfície da terra. Assim, a paisagem e seus elementos são mediadores de conhecimentos, valores ou símbolos, contribuindo na transferência geracional do saber, crenças, sonhos e atitudes sociais em geral (SAUER, 1997; CORRÊA, 1995).

> A paisagem é de um lado, o resultado de uma dada cultura que a modelou e de outro, constituísse em uma matriz cultural. Como resultado, a paisagem cultural é "uma vitrine permanente de todo o saber", expressando a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica. (CORRÊA, 1995 p.4).

Segundo Sauer, a falta deste reconhecimento tem ocasionado muitos erros para os geógrafos físicos mais radicais. Neste sentido, o exame da atividade humana é destacado na geografia cultural, pois as obras humanas se inscrevem na superfície terrestre e lhe imprimem uma expressão característica. Portanto, a inclusão da cultura representa um conjunto de formas independentes e diferenciais que auxiliam a interpretação das variáveis humanas e a compreensão das paisagens (SAUER, 1997; CORRÊA, 1995). As contribuições de Sauer levaram a criação da escola de Berkeley. Neste período, os geógrafos envolvidos nessa escola se focaram nas paisagens da América tropical, mantendo laços estreitos com as disciplinas de história, antropologia e ciências naturais, constituindo os pilares da história ambiental nos Estados Unidos (MATHEWSON, SEEMANN, 2008; CORRÊA, 1995).

Neste contexto, já existia a tendência geral de integrar as ciências naturais e sociais, fenômeno que estende a visão abrangente dos aspectos fisionômicos físicos e sociais. A Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig Von Bertalanffy, por exemplo, por sua "complexidade", considera-se a ciência geral da "totalidade". Esta teoria auxiliou na análise dos fenômenos biológicos, incluindo de maneira abrangente suas múltiplas relações e interconexões (UHLMANN, 2002). Está

visão sistêmica possibilitou a compreensão dos sistemas naturais a partir da sua estrutura e funcionamento. O olhar da paisagem se direcionou para um novo horizonte epistemológico caracterizado pela dinâmica dos elementos da natureza (MAXIMILIANO, 2004).

É interessante mencionar que nos anos 60 se romperam muitos paradigmas da ciência tradicional, uma vez que a ciência e a sociedade começaram um diálogo numa visão pós-estruturalista interpretativa (LEFF, 2011). Conforme LEFF (2011), diante da detecção da crise dos paradigmas científicos da modernidade, passou-se a repensar a produção científica atinente à explicação da inter-relação das formas de vida, construindo assim as possibilidades epistemológicas para a interdisciplinaridade. Teorias que passaram a ser viáveis a partir da concepção da dinâmica sistêmica do funcionamento da biosfera. Para o autor, a perspectiva paradigmática em construção agrega aos aspectos biológicos e físicos, a perspectiva sociocultural e econômica. Desta ótica, as variáveis de ordem física e biológica compõem a base natural do ambiente humano. Fato que marca um novo período de análise da paisagem, a natureza passa a ser compreendida não apenas pelos seus componentes, mas pelas conexões entre eles, dando preferência a estudar sua dinâmica, sua estrutura funcional e suas conexões.

No âmbito das propostas que surgiram após da década dos 60, Sotchava apresenta o conceito de "geossistema", sendo uma dimensão do espaço terrestre onde os mais diversos componentes naturais se encontram em conexões sistêmicas entre si, gerando uma interconexão entre os fluxos da matéria e da energia e os elementos bióticos e abióticos. Sotchava foi fundador da escola de geografia da Sibéria, o autor enfatiza que o geossistema é dependente da organização geográfica, onde cada categoria de geossistema deve ser analisada como pertencente a um determinado lugar. No entanto, sua concepção não inclui o resultado das ações humanas como componente. As ideias de Sotchava foram apropriadas pelo geógrafo francês Bertrand, com ele, o conceito de geossistema passa a ser considerado uma categoria espacial que muda sobre a influência da dimensão da ação antrópica, descartando a ideia de que paisagem fosse uma simples junção de elementos geográficos (PISSINATI, ARCHELA, 2009; MAXIMILIANO, 2004).

Adicionalmente, Bertrand favorece o caráter cultural da paisagem, restringindo o mapeamento ao ecossistema e ao território. Em sua contribuição reforça a importância da interdisciplinaridade. No final do século XX, Bertrand apresenta uma nova proposta de abordagem baseada em um sistema tripolar e interativo, o Sistema GTP: Geossistema, Território e Paisagem. Esta proposta metodológica permite estudar a geografia e a paisagem como uma realidade integrada (PISSINATI, ARCHELA, 2009).

Brazilian Journal of Animal and Environmental Research

Atualmente, a perspectiva de análise integrada do sistema natural e a inter-relação entre os sistemas naturais, sociais e econômicos têm produzido uma nova dimensão e interpretação do conceito de paisagem. Tanto a comunidade acadêmica quanto o senso comum têm uma definição própria da paisagem, vai depender do objetivo de sua aplicação (MAXIMILIANO, 2004). Desta forma, a discussão sobre o conceito de paisagem continua sendo motivo de inquietação em diversas disciplinas científicas, as diferenças de significado do conceito estão determinadas pelas formas de abordá-lo.

Na trajetória da conceptualização da paisagem aqui apresentada observam-se parâmetros comuns. As óticas abordadas pelas diversas escolas de pensamento, foram fundamentais para a conceptualização científica da paisagem, porém a diversidade de abordagens que permeia a construção do conceito deve ser vista a luz do contexto histórico e espacial em que se inserem os autores e o contexto em que forjaram suas ideias.

Após um longo percurso reflexivo, o conceito de paisagem tem se ampliado principalmente sob dois enfoques: o sistêmico (físico) e o cultural (humano). Por um lado, a esfera sistêmica, refere a combinação de elementos físicos, biológicos e humanos em mudança constante. Este enfoque permite, por um lado, descrever as problemáticas da paisagem em função de suas características e componentes, por outro, abordar a esfera humanista-cultural permite contextualizar as paisagens como conotativas, cheias de valores subjetivos, alusivos às experiências, mentalidades e comportamentos individuais ou coletivos que reagem a diversos componentes culturais, ocupacionais e ecológicos. Nesta abordagem, o componente cultural se refere à subjetividade e à percepção da paisagem pelo indivíduo e/ou pelos grupos humanos que nela interatuam, quer dizer torna-se uma porção do espaço aprendida com o olhar. Porém, o processo perceptivo vai além do visual, recebendo todo tipo de interação sensorial para lhe atribuir sentidos (CABRAL, 2007).

Estes dois grandes eixos de estudo, não são necessariamente opostos, inclusive são usualmente complementários quando vão se estudar as paisagens em sua plenitude. Os elementos de definição do mundo globalizado contemporâneo servem de inspiração, para entender as paisagens de forma holística, valorizando com o mesmo peso os aspectos físicos, biológicos e sociais que a compõem e que a diferenciam de outras paisagens.

Existem muitos tipos de paisagens: naturais, silvestres, rurais, urbanas, conservadas, as produtivas, cultivadas, campestres e assim por diante. Todas construídas por seu referente geográfico e em consequência por seu referente cultural e histórico. Assim, a paisagem pode ser ressignificada e construída de acordo com a relação da sociedade com o espaço e com a natureza. O homem como agente reorganizador do espaço transforma a natureza conforme a suas necessidades

Brazilian Journal of Animal and Environmental Research

imprimindo as características marcantes da sua cultura. Então o grupo social lhe confere a sua base espacial uma identidade que a diferencia das demais (NETO; BEZZI, 2008).

Surgem então discussões sobre o reconhecimento e a valoração da paisagem como parte do patrimônio[1], e/ou do patrimônio como parte da paisagem cultural. Estas reflexões acontecem ao considerar a paisagem como um elemento de identidade dos grupos humanos. De acordo com Almeida (2006), uma paisagem é patrimônio a partir do momento em que é singular, ou seja, quando suas qualidades são únicas. No entanto, desde esta perspectiva, a paisagem aparece como parte da terra delimitada apenas, pela escala do observador que a percebe. A avaliação, por tanto, se torna subjetiva pela análise e critério do observador (ALMEIDA, 2006).

A valorização da paisagem da ótica do patrimônio deve ser cuidadosa, pois mesmo que a paisagem seja uma entidade analisável e qualificável pelo homem, ela é um fenômeno dinâmico. Além do observador "aparentemente externo" que a avalia, encontram-se envolvidos um fluxo de acontecimentos sobre o determinado espaço que incluem, como já mencionado, tanto os acontecimentos de origem natural quanto os acontecimentos dos grupos humanos que a habitam (ALMEIDA, 2006). No processo surge uma história única para cada tipo de paisagem.

Almeida (2006), argumenta que muitas vezes um determinado tipo de paisagem prolonga-se por um espaço superior ao visível da perspectiva do observador, e acrescenta que em outros casos a área abrangida dessa ótica pode conter mais de um tipo de paisagem. Acontece quando os componentes variam e interagem de formas diversas, dando como resultado duas ou mais realidades consistentes e distinguíveis ao olhar do observador e que podem variar em função das diversas culturas (ALMEIDA, 2006).

Neste cenário, as paisagens são definidas de acordo com o significado que tem para os grupos humanos que a habitaram, e que preservam ou modificam radicalmente sua aparência e essência em função das atividades predominantes. Atividades que surgem como elementos chaves na compreensão da identidade cultural, a qual por sua vez é construída com base nos elementos das paisagens. Assim, existe uma relação reciproca entre a paisagem e o homem, que não favorece nenhuma das partes.

[1] O patrimônio é o legado cultural que um grupo humano tem produzido ao longo de sua história, é o que o distingue, identifica e o que alimenta sua identidade cultural, é o que representa seu passo pela humanidade. O patrimônio é um reflexo dos elementos que permitiram o equilíbrio e a coesão social, a história entre a memória individual e coletiva é conservada em forma de patrimônio cultural, isto representa as lembranças e as memorias do que sucedido em determinado território ou em determinada paisagem, seu legado cultural e histórico, pode ser expressado na forma de patrimônio monumental ou como patrimônio intangível (MOLANO, 2007).

Quanto à identidade cultural, se forma conforme o sentido de pertencimento do sujeito a um grupo social com o que se compartilham rasgos culturais como costumes, valores, crenças, entre outros. A identidade evoca uma forma de se posicionar diante do outro. Este conceito se associa ao de territorialidade, mesmo se pense que é especifico de um território, a identidade pode superar as fronteiras geográficas pois é formada por elementos coletivos imateriais ou intangíveis (MOLANO, 2007).

A construção da identidade não é gerada no indivíduo, ela emerge do relacionamento que se mantém com os outros, quando ligada à história e ao patrimônio (GIDDENS, 2002). Assim a identidade cultural, como parte do ambiente natural ou social, não existe sem a capacidade de reconhecer o passado nem o reconhecimento individual ou coletivo dos elementos simbólicos que ajudam a construir seu futuro (MOLANO, 2007). No contexto do Pampa[2], Neto e Bezzi (2008) afirmam que muitos dos costumes e simbologias do gaúcho (uns dos grupos culturais que lhe habitam), foram construídos seguindo a disponibilidade de materiais e recursos no ambiente. Autores como Bentancor (2013) e Freitas e Hessel (2004), e Oliven (1999), identificaram que muitos dos elementos simbólicos presentes na identidade do gaúcho brasileiro, argentino e uruguaio, aparecem habitualmente relacionadas as características do bioma Pampa, englobando as características campestres do Pampa na região do território brasileiro rio-grandense[3], da parte do território argentino e todo o território do Uruguai, onde este bioma tem sido regionalizado.

Nesta continuidade, é difícil pensar a história e constituição do território gaúcho, sem considerar o campo como um elemento central e estruturante de sua identidade. E perceber o aspecto geográfico e paisagístico como um elemento que aproxima e gera equivalências ente os gaúchos de todas as nacionalidades.

"No âmbito cultural, a identidade só existe devido à grande diversidade de culturas que compõe o globo, como forma de individualizá-las, isto é, identificar cada uma mediante códigos ou símbolos específicos" (NETO; BEZZI, 2008 p. 140). Isto indica, que a identidade pode ser vivenciada de forma individual, porém sempre é expressada na ideia de coletividade e assim mesmo

[2]O Pampa, é um bioma caracterizado por presentar as maiores extensões continuas de vegetação campestre no América do Sul, ocorre na parte média inferior do estado do Rio Grande do Sul (RS) em Brasil, no Uruguai e parte da Argentina. Por longo tempo, o bioma pampa foi desvalorizado, considerado uma área simples e uniforme, hoje em dia, reconhece-se como um bioma complexo, composto por várias formações vegetacionais e pela presencia de um alto número de espécies nativas. É considerado um importante centro de endemismo e recursos genéticos, por sua vez a preservação de seus atributos garante a conservação de recursos hídricos entre outros serviços ambientais. Além do mais, o Pampa apresenta tributos naturais e culturais com importante valor cênico, tendo além do amplo potencial ambiental, um potencial turístico importante para a pratica de lazer. Os traços culturais da região associados aos banhados, campos, rios e as coxilhas, formam um espaço altamente valorizado, sendo considerado por vários autores um patrimônio cientifico, histórico e paisagístico (BOLDRINI *et al.,* 2010; PILLAR; VÉLEZ, 2010; SILVA, SANTOS, 2009; PILLAR, 2009; PERICO *et al.,* 2005; GUADAGNIN *et al.*,1999).

[3] Estado de Rio Grande do Sul (RS/Brasil).

ela se construí. De modo geral, a identidade se origina a partir dos códigos da cultura, sendo os códigos culturais convenções simbólicas compartilhadas por uma mesma comunidade social (NETO; BEZZI, 2008).

A simbologia representada e materializada no espaço é o que dá visibilidade e identifica os limites de uma cultura perante outras. Os códigos culturais são transmitidos de geração em geração como ensinamentos. A comunicação oral e escrita se considera também essencial no processo de transmissão e proteção da cultura no tempo e no espaço. Algumas codificações estão impressas nas paisagens no estilo das casas, no vestuário típico, nas artes, na gastronomia, na música, na religiosidade, nas festividades, etc. Outros códigos culturais embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como os valores, as ideologias e as convenções. Cada aspecto desta codificação cultural está atrelado a uma simbologia dotada de significados que analisados em conjunto representam a cultura como um todo. Porém, os códigos não são fixos no tempo e no espaço, as formas e as funções podem mudar de acordo com a dinâmica cultural (NETO; BEZZI, 2008).

No caso da cultura gaúcha os símbolos culturais fazem com que as semelhanças linguísticas e os costumes comuns desenvolvidos nos três países permitam identificar os limites de uma cultura especifica vinculada a região do bioma Pampa que atravessa fronteiras nacionais. Exemplos dessas semelhanças se expressam na gastronomia, no consumo do mate, na vestimenta, nos livros, nos poemas e nas músicas. Para Bentancor (2013), este um motivo para aceitar a ideia de uma "região hispânica" no Brasil, segundo o autor, o estado do Rio Grande do Sul mantém maiores ligações com o Uruguai e com a região do Pampa argentino do que com Mato Grosso ou o Nordeste do Brasil. Nas palavras do autor “O RS, se encontra, mais perto do rio da Plata do que o rio Amazonas” (BENTANCOR, 2013 p.41).

Contudo, apesar de que há muitos elementos simbólicos similares na cultura dos três países, a figura do gaúcho em cada um deles tem particularidades em sua essência. De acordo com Freitas e Hessel (2004), os gaúchos brasileiros, argentinos ou uruguaios têm tradições parecidas, mas cultuadas de forma distinta, por exemplo “os uruguaios encilham e montam de outra forma, seus arreios e pilchas seriam diferentes” (FREITAS; HESSEL, 2004 p. 278). Além de guardar em sua essência, a memória das lutas e das condições históricas especificas de cada país.

Da mesma forma, existem diversas particularidades do gaúcho dentro do território nacional. Por exemplo o “território gaúcho”, do estado do Rio grande do Sul em Brasil é também um território multicultural. A ação humana que ocupou e organizou o espaço rio-grandense foi determinante para configurar suas bases socioculturais. A proposta de regionalização feita por Neto

e Bezzi (2008) permite aprofundar nas manifestações das regiões culturais que existem atualmente no estado, a partir do processo de ocupação étnico-cultural do espaço. Os autores abordam as transformações ocorridas no espaço, a influência de cada grupo étnico na formação da cultura do gaúcho e sua consequente manifestação na paisagem.

De acordo com os autores, a complexidade da composição étno-cultural é resultado de fluxos populacionais ocorridos por disputas entre as etnias nativas, espanholes e portugueses. A complexidade também obedece às migrações estimuladas por políticas específicas de incentivo ao povoamento e a colonização. No caso do RS até o século passado, o estado se configurou como tipicamente imigratório, recebendo imigrantes alemães, italianos, poloneses, entre outros, fazendo com que se tornasse, culturalmente, bastante diversificado. Estas misturas constituíram a pluralidade cultural característica do estado, constituindo-se em um mosaico étno-cultural, composto por porções do espaço dotadas de significados e etnias diversificadas que se reconhecem como essencialmente gaúchas (NETO; BEZZI, 2008).

Assim, o gaúcho expressa uma cultura regional que não se forma por um único grupo étnico. No RS há diversas particularidades na região que tem configurado "vários tipos de gaúchos", mas que no conjunto mantém traços comuns relativos ao tradicionalismo e ao nativismo. Como já foi mencionado, a essência cultural do gaúcho rio-grandense é condicionada por muitos outros componentes históricos, como as colonizações europeias, os indígenas previamente estabelecidos, o período de escravidão, entre outros eventos que construíram está "multiculturalidade", mas que até hoje mantem em seus moradores o reconhecimento identitário de "ser gaúcho".

Da mesma forma os elementos simbólicos próprios da essência da identidade gaúcha, como a atividade campeira, o Chimarrão-Mate, o violão, o cavalo, o folclore, as roupas, as falas, as músicas, as esporas, etc., são até hoje reconhecidas pelos gaúchos como parte de sua cultura. A fusão dos costumes e das etnias que a compõem, fazem com que a cultura gaúcha, seja diferente do resto do continente e identificável no mundo inteiro (OLIVEN, 1999). Os "vários" gaúchos dentro do estado e os "vários" gaúchos dos três países mencionados (embora guardem suas particularidades com suas distintas raízes culturais) se configuraram próximos um dos outros, fazendo com que o sentimento de pertencimento à terra e seus símbolos sejam parte de uma identidade cultural associada à paisagem do Pampa e às caracteristicas propias da atividade campeira (OLIVEN, 1999).

Por último, cabe assinalar a relação intrínseca entre as categorias de cultura, identidade e identidade cultural. Enquanto a cultura consiste na "essência", de um grupo social, a identidade pressupõe uma classificação, um sentimento de inclusão ou exclusão ao grupo social ou cultural. A

identidade cultural, por sua parte permite a diferenciação entre os grupos como resultado da relação entre um grupo social, sua base espacial e a paisagem (NETO; BEZZI, 2008). Desta forma, a cultura pode existir sem consciência da identidade, mas a identidade só existe em função da cultura, é um produto das características distintivas mais marcantes.

Da ótica da discussão interdisciplinar que envolve diferentes áreas do conhecimento a identidade e a cultura, se vinculam nesta proposta "a relação íntima entre a identidade e o referente geográfico, cultural, biológico e histórico das paisagens". Consideramos que a análise das paisagens com base na espacialização dois grupos humanos que nela habitam permite relacionar a categoria paisagem com os conceitos de espaço, lugar, região, território, cultura e identidade, como já outros autores fizeram.

A participação coletiva na apropriação da memória histórica, no reconhecimento do passado e na valoração, restauração e proteção da identidade cultural é fundamental para manter a identidade cultural em processos de desenvolvimento territorial. Na maioria dos casos, esta proteção conta com a participação dos governos locais, regionais, setores privados e a população em geral. Concordamos com Molano (2007), em que a proteção do patrimônio é indicativa eloquente da recuperação, reinvenção ou apropriação da identidade cultural. Por tanto a conservação da essência cultural depende das atividades que a comunidade realize para proteger o patrimônio.

Em suma, as paisagens possuem em essência um caráter simbólico-cultural e um caráter sistêmico-funcional que revela a interação dos grupos humanos com o ambiente, e a influência do ambiente na construção da identidade dos grupos humanos. A paisagem pode ser entendida como patrimônio, em quanto tal é um campo de significados individuais e coletivos que proporcionam uma leitura complexa do conjunto de formas naturais e culturais que permanecem e permaneceram em constante interação. Para esta valorização aconteça a paisagem deve ser associada sempre à percepção, levando em conta o caráter social que lhe atribuímos, as diferentes escalas espaciais em que a abordamos e os diferentes sujeitos sociais que participam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, António Campar de. **Paisagens:** um património e um recurso. O interior raiano do Centro de Portugal. Outras fronteiras, novos intercâmbios, p. 31-42, 2006.

BASTIAN, Olaf. **Landscape Ecology–towards a unified discipline?**. Landscape Ecology v.16, n. 8, p. 757-766, 2001.

BENTANCOR Milton Hernán. **¿Identidad gaucha?:** Rodríguez o Benjamín Otálora. ANTARES, v. 5, n 9. 2013.

BOLDRINI, Ilsi Iob, FERREIRA, Pedro Maria de Abreu, ANDRADE, Bianca OTT, SCHNEIDER Angelo Alberto, SETUBAL Robberson Bernal, TREVISAN, Rafael, FREITAS, Elisete Maria de. **Bioma pampa:** diversidade florística e fisionômica. Porto Alegre: Palloti, 2010.

CABRAL, Luiz Otávio. **Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica.** Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1/2, p. 141-155, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A dimensão cultural do espaço:** alguns temas. Espaço e cultural, v,1, p. 1-22, 1995.

FARINA, Almo. **Ecología del paisaje**. Universidad de Alicante, 2011.

FREITAS, Elisete Maria de. **Bioma pampa:** diversidade florística e fisionômica. Porto Alegre: Palloti, 2010.

FORMAN, Richard T., GODRON Michel. **Landscape ecology**. Jhon Wiley & Sons, New York, 1986.p. 619

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. Trad : Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008 Apud MENEZES, Leandro Alves Martins de**. Michel Foucault e o problema da governamentalidade.** Revista Inquietude 3, n.1, 2012. p.198-211

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Zahar, 2002.

LEFF, Enrique. **Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental**: Olhar de professor. Ponta Grossa, v. 14, n.2. p. 309-335, 2011. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor> Acesso em: 04 jun, 2017.

NAVEH, Zev, LIEBERMAN Arthur S. **Landscape ecology:** theory and application. Springer Science & Business Media, 2013.

NETO, Helena Brum, BEZZI Meri Lourdes. **Regiões culturais:** a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. Revista Sociedade & Natureza 20, no. 2, 2007.

MACIEL, Ana Beatriz Câmara, LIMA Zuleide Maria Carvalho. **O conceito de paisagem:** diversidade de olhares. Sociedade e Território v. 23, n. 2, p. 159-177, 2011.

MATHEWSON, Kent, SEEMANN Jörn. **A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley**: Um precursor ao surgimento da História Ambiental. Varia Historia 24, n. 39: 71-85, 2008.

MAXIMIANO. Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. R. RA´E GA, Editora UFPR, Curitiba, n. 8, 2004. p. 83-91.

MENEZES, Leandro Alves Martins de**. Michel Foucault e o problema da governamentalidade.** Revista Inquietude 3, n. 1. p. 198-211, 2012.

MOLANO, Olga Lucía. **Identidad cultural un concepto que evoluciona.** Opera 7, n. 7. p. 69-84, 2007.

OLIVEN, Rubén George. **Nación y modernidad:** la reinvención de la identidad gaucha en el Brasil. EUDEBA: Buenos Aires, 1999.

PISSINATI, Mariza Cleonice, Mariza C. ARCHELA, Rosely Sampaio. **Geossistema território e paisagem-método de estudo da paisagem rural sob a ótica bertrandiana**. Geografia Londrina 18, n. 1, 5-31 p., 2009.

SAUER, Carl O. **Geografia cultural**. Espaço e cultura v. 3 p. 1-7, 1997.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. Raega-O Espaço Geográfico em Análise v. 7, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço, tempo, lugar:** um arcabouço humanista/Space, time, place: a humanistic frame. Geograficidade 1, n. 1, p. 4-15, 2011.

UHLMANN, Günter Wilhelm. **Teoria Geral dos Sistemas**. São Paulo. Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 2002.

VITTE, Antonio Carlos. **O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física**. Mercator-Revista de Geografia da UFC v. 6, n. 11, 2007.

Brazilian Journal of Animal and Environmental Research